

EDITORIAL AJ05469

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Impostos crescem mais do que o PIB

Nos primeiros três meses de 2011, comparado ao último trimestre de 2010, o PIB do país cresceu 4,2%, enquanto o total de tributos teve aumento de 6,5%

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, quase pediu desculpas à sociedade ao comentar ontem o crescimento de 1,3% do Produto Interno Bruto no primeiro trimestre, em relação aos três meses anteriores. Esse percentual está um pouco acima do esperado pelo governo, daí a preocupação do ministro. Mas isso não é motivo para se desculpar. A taxa de 1,3% pode ser elevada para os cálculos do Ministério da Fazenda, mas é modesta na visão da população. Significa alto preço para combater a febre inflacionária.

Mantega afirma que no resultado do trimestre já são sentidos efeitos das medidas de restrição ao crédito intensificadas a partir de dezembro. É uma forma de exaltar a eficácia da política monetária. Porém o pior é que o ministro prometeu desaceleração econômica maior – como se estivesse anunciando uma perspectiva alvissareira.

A agropecuária deu um salto de 3,3% no primeiro trimestre, graças a ganhos em produtividade, e foi a principal responsável pelo crescimento de 1,3% do PIB no período. Já a atividade industrial teve expansão de 2,2% no período, e o PIB do setor, não deverá aumentar mais de 3,8% em 2011, segundo cálculo da Confederação Nacional da Indústria. É um patamar muito abaixo da capacidade.

O consumo das famílias que havia crescido 2,3% no último trimestre de 2010 aumentou apenas 0,6% nos primeiros três meses de 2011. Reflete o encarecimento do crédito

Chama a atenção a redução do crescimento do consumo das famílias: de 2,3% no quarto trimestre de 2010 para 0,6% nos três primeiros meses de 2011. O fato é atribuído, em parte, à expansão mais contida do mercado de trabalho. Ressalte-se também que a demanda por crédito

caiu para o ritmo anual de 13%, um freio brusco se comparada à trajetória de 20% verificada no início do ano.

Os cuidados de Mantega em relação ao crescimento dizem respeito a cenários futuros. A alta trimestral do PIB em 1,3% anualizada resulta numa expansão de 5,5%. Tal patamar extrapola a projeção do Ministério da Fazenda, que é de 4,5%. Mais do que isso, a intensidade da demanda consumista dificultaria o combate à inflação. Essa é a visão – fortemente contestada –, da equipe econômica do governo. Aliás, o BNDES estima modestíssima evolução do PIB no segundo trimestre deste ano: apenas 0,5%.

A agropecuária deu um salto de 3,3% no primeiro trimestre, graças a ganhos em produtividade. Foi a principal responsável pelo crescimento de 1,3% do PIB

Os impostos estão crescendo mais do que a economia – o que é muito preocupante. Comparando-se os primeiros três meses de 2010 com igual período de 2011, o PIB do país cresceu 4,2%, enquanto o total de tributos aumentou 6,5%.

A continuar essa situação, combinada com o aperto monetário, há possibilidade de o PIB aumentar menos de 4,5% não confirmando a projeção do Ministério da Fazenda. Essa perspectiva poderá exigir flexibilização da política monetária no segundo semestre. E até medidas pontuais na área de impostos. Espera-se a sensibilidade do governo para realizar os ajustes necessários. Os empresários estão fazendo sua parte em favor do crescimento. A chamada formação bruta de capital fixo, que mede o investimento no país, aumentou 1,2% no primeiro trimestre, segundo pesquisa do IBGE.